

---

**O “Negócio”: marketing e prostituição feminina em Lisboa no início do século XX\***  
RAPOSO, Raquel Dang Caçote<sup>1</sup>

**RESUMO:** Paralelamente à clarificação das composições sociais das prostitutas, as últimas décadas de Oitocentos e as primeiras décadas de Novecentos assistem a um aumento da prostituição. As casas de tabuinhas dão lugar aos bares e salões da moda, e o número de casas toleradas em Lisboa é, comparativamente ao período precedente, menor. À medida que a prostituição passa a ser menos exercida tanto na rua quanto na área habitacional da meretriz, os circuitos de divulgação passam a ser mais complexos. É sobre essa transformação no «negócio», com recurso a técnicas de marketing, que nos debruçaremos neste artigo onde abordaremos a cidade Lisboa de Oitocentos, os protagonistas sociais, os locais e as formas de atuação no recrutamento de prostitutas; a cidade na transição para o século XX e a caracterização da atividade prostitucional feminina. Abordaremos a estratificação das «mulheres públicas», a alteração nos costumes e os locais onde o favor sexual se trocava por dinheiro, identificando as mudanças operadas no espaço social. Trataremos a publicidade como forma de promoção da atividade, e os moldes em que se concretizava numa sociedade em transição para o modelo capitalista. Por último, ensaiaremos os motivos que levaram à adoção de estratégias para atrair clientes, procurando concluir a que estamentos sociais se destinava.

**Palavras-chave:** Prostituição; Portugal; Publicidade.

**The “Business”: marketing and female prostitution in Lisbon in the early 20th century**

**ABSTRACT:** In parallel with the clarification of the social compositions of prostitutes, last decades of 19th century and first decades of 20th witness an increase in prostitution. Although the number of tolerance houses is smaller compared to the previous period, poor houses gave way to fashionable bars and halls. As prostitution becomes less prevalent both on the street and in the housing area of the whore, the circulation circuits become more complex. It is about this transformation in the ‘business’, with the use of marketing techniques, that we will be dealing with in this article, in which we will cover the city of Lisbon, the social protagonists, the places and the ways of acting in the recruitment of prostitutes; the city in the transition to the twentieth century and the characterization of female prostitution. We will situate the stratification of ‘public women’, the change in customs and places where sexual favor was exchanged for money, identifying changes in the social space. We will treat advertising as a form of promotion of the activity, and the models in which it was materialised in a society in transition to the capitalist model. Finally, we will rehearse the reasons that led to the adoption of strategies to attract clients, seeking to conclude what social estates were intended.

---

<sup>1</sup>Licenciada em História, variante de Arqueologia e Mestre em Arqueologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. E-mail: raquel.dc.raposo@gmail.com

---

**Keywords:** Prostitution; Portugal; Advertising.

## INTRODUÇÃO

Comumente apelidada como a «mais velha profissão do mundo», a prostituição encontra-se documentada desde a Antiguidade. Em Portugal, o maior número de alusões conhecidas referem-se à cidade de Lisboa e a alguns outros centros, sobretudo portuários, assumindo-se o meretrício como um fenómeno marcadamente urbano. De prática proibida e condenada a conduta estigmatizada, porém tolerada – tida como uma «necessidade social» –, no século XIX a prostituição ganha espaço na sociedade portuguesa. Na segunda metade de Oitocentos, a convivência de círculos aristocráticos com *cocottes* e “mulheres do fado”<sup>2</sup>, nas esperas de touros ou nas baiucas e tabernas dos tradicionais bairros fadistas de Alfama, Mouraria e Bairro Alto, traduz a presença de barreiras culturais pouco permeáveis entre a Lisboa «séria» e «menos séria» (ALMEIDA, 1917, p. 225-227; PAIS, 1983, p. 943)<sup>3</sup>. Os lugares para a troca económica-sexual, frequentados por homens de várias classes sociais, tornam-se espaços de interação social, onde as disparidades culturais surgem depreciadas.

Ligado à esfera feminina, o meretrício passa a funcionar de forma regulada, com leis, códigos e práticas próprias<sup>4</sup>. Reflexo do desenvolvimento do capitalismo no país e das inevitáveis exigências do «mercado» – ditadas pela concorrência –, nos alvares do século XX os comportamentos das principais personagens dessa rede de sociabilidade boémia acham-se alterados. Despontam novos hábitos e novas práticas, sendo evidente uma estratificação mais rígida, manifesta nas zonas habitacionais e de giro, nos tipos de clientela e preços praticados (PAIS, 1983, p. 951-960). Mas, longe da respeitabilidade e dos costumes convenientes, o meretrício constitui-se como um

---

<sup>2</sup>Este artigo teve por base um trabalho prático realizado no âmbito do seminário Quotidianos Femininos, lecionado pela Sr<sup>a</sup>. Prof<sup>a</sup>. Doutora Isabel Drumond Braga, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no decurso da componente curricular do Mestrado em História, Especialidade em História Moderna e Contemporânea.

<sup>1</sup>Popularmente, fado pode significar vida de prostituição. Logo, «mulheres do fado» designam prostitutas, meretrizes.

<sup>3</sup>“Fidalgos roçando por costureiras; um ministro a par e passo de um gatuno; um poeta ao lado de um barbeiro; uma virgem estudando uma prostituta.” (PAIS, 1983, p. 943).

<sup>4</sup> Em Lisboa são estabelecidos regulamentos em 1858, 1865 e 1900, que serviram de modelo a congéneres: Porto e Vila Nova de Gaia (1860), Coimbra (1914), Évora (1934) e Viana do Castelo (1941). Cf. GUINOTE, s/d, em <http://lagosdarepublica.wikidot.com/aprostituicao>.

---

anátema social, não aparecendo tratado na primeira pessoa. É um fragmento de intimidade, um detalhe da vida privada que se procura manter arredado da esfera pública, motivo que justifica, *per sí*, a evasão e subtileza na difusão dos «serviços» com que nos deparámos mediante uma análise da publicidade da atividade nos jornais de Lisboa, não sem antes, porém, revisar a bibliografia especializada e situar o tema no quotidiano da cidade entre o final do século XIX e o início do XX.

### ESTADO DA QUESTÃO

Na segunda metade do século XIX e durante o século XX, a prostituição foi tema central e recorrente dos cronistas. Desde produções generalistas e obras particulares sobre o quotidiano do meretrício lisboeta, a ensaios visando a caracterização social e fisiológica das mulheres que se dedicavam ao «vício», foram várias as narrativas acerca do fenómeno e dos seus contornos sociológicos dadas à estampa. Nesse período, a prostituta foi personagem largamente glosada na literatura portuguesa e estrangeira. Em obras como *A Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas (1848), *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós (1878), *Pérola*, de Marcelino Mesquita (1885), *O Barão de Lavos*, de Abel Botelho (1898), *Severa*, de Júlio Dantas (1901), *A Princesa de Boivão*, de Alberto Pimentel (1919), *Fado*, de Bento Mântua (1915), entre tantos outros, é possível avaliar a representação da meretriz no imaginário daquele tempo, assim como o moralismo e falsas dicotomias em seu torno (PITA, s/d).

Nascido numa bairrada da Madragoa, um dos bairros da Lisboa boémia notívaga, e ligado ao mundo da transgressão e da marginalidade, também o fado eterniza histórias de prostitutas, marujos e marialvas. O envolvimento entre meretrizes e aristocratas perpetua-se no envolvimento amoroso entre Severa Onofriana e o Conde de Vimioso; e o quotidiano fadista em poesias trinadas ao som da guitarra, que o óleo sobre tela de José Malhoa, *O Fado*, imortalizou<sup>5</sup>.

A primeira publicação sobre a prostituição feminina em Portugal foi dada à estampa por Francisco Ignacio dos Santos Cruz em 1841. Em *Da Prostituição na Cidade de Lisboa*, obra legatária de uma produção análoga sobre a prostituição em Paris, da autoria de Parent-Duchâtelet, Santos Cruz detalha os vários aspetos do

---

<sup>5</sup>Para aprofundamento deste assunto veja-se Resende(2014).

---

quotidiano do meretrício lisboeta, caracterizando social, fisiológica e psicologicamente a prostituta, os seus hábitos e costumes.

Na sua obra, vasta e que parece ter a pretensão de esgotar o assunto, Santos Cruz apresenta retrospectivas históricas do fenómeno da prostituição no mundo e da legislação produzida; o policiamento da actividade; classes de prostitutas; tipologias das casas públicas e sua distribuição espacial. Não negligenciando a sua formação de médico, o autor não descarta referências às patologias, mormente o “virusvenéreo”, cujo aumento de contaminação atribui, em razão direta, ao meretrício (CRUZ, 1841, p. 46).

As particularidades da prostituição na cidade do Porto são editadas por Francisco Pereira d’ Azevedo – também ele médico-cirurgião, e inspetor de saúde (Governo Civil do Porto) –, na *História da Prostituição e Polícia Sanitária no Porto*. Trata-se de um interessante estudo sobre a evolução do fenómeno e do seu enquadramento legal, nomeadamente dos meios de controlo sanitário experimentados naquela cidade ao longo dos tempos. O estudo de Pereira d’ Azevedo apresenta, ainda, importantes dados estatísticos que permitem uma aferição do movimento anual de prostitutas (matrícula e inspeção nos anos de 1862 e 1863); e um confronto da prostituição entre a prostituição portuense e algumas cidades europeias (AZEVEDO, 1864).

Anos mais tarde, João Fernandes Bragança publica umas *Breves Considerações sobre a Prostituição debaixo do ponto de vista da Hygiene e da Moral*, abordando a prostituição como um flagelo social e a prostituta como vítima e produto de uma sociedade puritana, assente no ideal da família pura e virtuosa (BRAGANÇA, 1875); e Alfredo de Amorim Pessoa publica a *História da Prostituição em Portugal desde os Tempos mais remotos da Lusitânia até aos Nossos Dias*, ensaiando desde a “Pré-história da prostituição portuguesa” à “História propriamente dita de Portugal” (PESSOA, 1887)<sup>6</sup>. Na sua obra, de carácter moralizador, Amorim Pessoa não estuda a prostituição enquanto fenómeno social, mas a «devassidão» dos costumes associada à sexualidade, como sejam o adultério e a libertinagem. Recuperando temas

---

<sup>6</sup>Tratam-se, respetivamente, das primeira e segunda partes da obra de Amorim Pessoa, a qual serviu de complemento à *História da Prostituição* de Pedro Dufour, dada à estampa em versão traduzida, ampliada e enriquecida com o contributo de Amancio Peratoner.

---

anteriormente tratados por Santos Cruz e Pereira d' Azevedo, Amorim Pessoa relembra as condições físicas e psicológicas da prostituta lisboeta de Oitocentos; as patologias – “corrimentos, fluxos, tubérculos, etc.” (PESSOA, 1887, p. 220) – e a organização dos espaços residenciais permitidos às mulheres públicas; a prostituição “apatroada” e “isolada” na cidade do Porto<sup>7</sup>. A prostituição ao seu tempo é-nos apresentada num estilo quase jornalístico, sendo um importante testemunho do modo de funcionamento do comércio.

Importantes estudos sobre o tema são editados no final do século: *Contribuição para o Estudo da Prostituição em Lisboa*, de Armando Gião, e *Escravidura Branca*, de José de Oliveira Saldanha e Sousa. O primeiro, dando a conhecer elementos que apontam para uma estratificação mais rígida entre as prostitutas com o virar do século – com base em variáveis como área habitacional, zonas de giro, usos e padrões de comportamento, preços e clientela (GIÃO, 1891) –; o segundo, discutindo acerca das origens e definição da prostituição, das suas causas principais, formas de exploração (SALDANHA E SOUSA, 1902).

No início de Novecentos foi editada *Da Prostituição em Portugal*, de Ângelo da Fonseca. Recuperando questões anteriormente tratadas por outros autores, nomeadamente por Santos Cruz, a obra de Fonseca apresenta-se ricamente documentada, mormente com dados sobre a naturalidade das toleradas em Portugal Continental, por distrito, entre 1897 e 1901 (FONSECA, 1902).

Ulteriormente, Alfredo Tovar de Lemos ensaia sobre uma tipologia da prostituta portuguesa em *Prostituição. Estudo Anthropologico da Prostituta Portuguesa*. Com recurso à antropometria, Tovar de Lemos – médico, diretor do dispensário de higiene social de Lisboa – pretendia mostrar que as mulheres em exercício dessa profissão sofriam degenerescências que as faziam fugir aos padrões da dita normalidade feminina. Segundo Tovar de Lemos, as filhas das classes mais pobres nasciam, regra geral – em virtude da “má sociedade” (alcoolismo, doenças venéreas, tuberculose) – “taradas”, trazendo em si uma “disposição especial” para as atividades marginais (LEMOS, 1908, p. 28), como é o caso da prostituição. Para Tovar de Lemos,

---

<sup>7</sup> Aquela que não era “apatroada”. A sua actividade era livre, não estando sujeita à exploração de uma patroa, numa casa de tolerância (PESSOA, 1887, p. 215).

---

a prostituta era um ser patológico, com “estygmas de degenerescência” e “estygmas degenerativas funcionaes”, estas últimas práticas de lesbianismo (LE MOS, 1908, p. 65-68). A Tovar de Lemos se devem, também, *O Serviço de Inspeção de Toleradas em 1937*, os *Relatório do Serviço de Inspeção de Toleradas*, realizados entre 1929 e 1954 e o *Inquérito acerca da Prostituição e Doenças Venéreas em Portugal*, de 1953, importantes estudos, por amostragem de prostitutas, que permitem aferir alguns dados estatísticos sobre a prostituição enquanto fenómeno social<sup>8</sup>.

Autor de crónicas de costumes na cidade de Lisboa no dealbar do século XX, e homem ligado ao teatro, Fernando Schwalbach edita *O Vício em Lisboa* onde, com uma escrita realista, descreve os meandros obscuros do vício e da prostituição na Lisboa republicana. Das hospedarias imundas aos bordéis e casas *chics*, das criadas às costureiras ambiciosas, a obra de Schwalbach apresenta-se, ainda que com expectáveis considerações morais, como um importante depoimento para o estudo do fenómeno (SCHWALBACH, 1912).

Ainda na segunda década do século XX foram publicadas a *História Popular da Prostituição*, de Emilio Gante (GANTE, 1910) e *História Completa da Prostituição*, de Augusto Bugalho Gomes (GOMES, 1913), que retomam temas já anteriormente tratados, não apresentando novas teses ou dados.

O tema da prostituição em Portugal nos séculos XIX e XX tem vindo a ser estudado ao nível da análise histórico-sociológica do fenómeno desde a década de oitenta do século passado. Em 1982, Carlos Santos publica, na revista *História*, “A Prostituição em Portugal nos Séculos XIX e XX”, onde aborda o movimento contra o regulamentarismo, impulsionado pelas feministas em finais do século XIX<sup>9</sup>. Entendida como um «mal necessário», a prostituição implicava uma desigualdade de género,

---

<sup>8</sup> Estas publicações não foram consultadas por nós, por motivo de se encontrarem fora da baliza cronológica do nosso trabalho. Contudo, trata-se de bibliografia elementar a quem se debruce sobre a temática da prostituição em época Contemporânea.

<sup>9</sup> Em Portugal, o discurso feminista começou a esboçar-se em finais do século XIX-inícios do século XX. Mulheres e homens, individualmente ou em grupo, propõem um novo meio de delinear o papel da mulher portuguesa na sociedade e o seu estatuto social e jurídico. Adelaide Cabete, uma das principais feministas portuguesas do século XX, lutou pela igualdade entre os sexos perante a lei e preocupou-se com a concretização do princípio da igualdade relativamente a mulheres de condição vulnerável, como é o caso das trabalhadoras do sexo. Criticando a legislação que vigorava à data no país, que aplicava o sistema regulamentarista, Cabete sugere a abolição dos regulamentos da prostituição. Foi, aliás, uma das fundadoras da Liga Portuguesa Abolicionista (PIMENTEL; MELO, 2015, P. 37-54).

isentando o homem – cliente – da reprovação social, e estigmatizando a mulher – prostituta – (SANTOS, 1982, p. 2-21).

À abordagem da prostituição na perspectiva das desigualdades de género, designadamente aos diferentes posicionamentos no movimento feminista em torno do fornecimento de serviços sexuais em troca de um valor pecuniário, se dedicou Manuela Tavares, cujas linhas de investigação têm recaído sobre memória e feminismos, e a história das mulheres e do género. Considerando que as posições políticas tomadas até à atualidade colocam a tónica vitimização da mulher que se prostitui, à qual se apontam caminhos de saída dessa vida, a autora debate a necessidade de tomada de medidas que consignem a «livre escolha» da mulher que queira seguir essa profissão, de forma autónoma, longe do proxenetismo, e com regras (TAVARES, s/d).

As ligações entre prostituição e boémia no quotidiano da cidade lisboeta entre o século XIX e XX têm sido tratados por José Machado Pais, Paulo Guinote e Rosa Oliveira, que editaram, respetivamente, *A Prostituição e a Lisboa Boémia do Século XIX aos inícios do Século XX* (PAIS, 1985) e “Prostituição, Boémia e Galantaria no Quotidiano da Cidade”, em *Portugal Contemporâneo*, dirigido por António Reis (GUINOTE; OLIVEIRA, 1990).

Na maioria das vezes associada a um comportamento desviante, a prostituição conheceu aceitação social, conforme se verifica pelos esforços legislativos que procuram delimitar fronteiras e espaços, sobretudo na rua, onde coexistiam dois universos: a boémia e a dita «normalidade institucional». Desse modo, a prática permanecia, de forma controlada, encoberta, não se contestando a sua utilidade para a organização familiar e conjugal da época (PAIS, 1983, p. 939-960).

Amplamente ligada ao universo feminino – porquanto somente nas últimas décadas do século XX a prostituição masculina começou a ganhar expressão –, a prostituição é amplamente associada ao espaço da transgressão e da marginalidade. Acerca dessa variante se dedicaram Paulo Guinote e António Lopes, na sua resenha sobre “O espaço da Transgressão: Uma Geografia do Crime em Lisboa na Viragem para Oitocentos” (GUINOTE; LOPES, 1991). Ações desonestas, atos indecorosos e escandalosos eram alvo de repressão policial.

Ao historiador Paulo Guinote se deve, aliás, a sinopse da prostituição em estreita associação com a Mulher – *Quotidianos Femininos (1900-1933)* –, e uma periodização da prática, em concordância com as políticas de regulamentação na sequência do debate sobre o melhor caminho para coibir a propagação das doenças infecto-contagiosas, especialmente as venéreas, encetado na segunda metade de Oitocentos (GUINOTE, 1997).

Revisada a bibliografia acerca do tema, passemos a reconhecer o local em que o mesmo se situa.

### **LISBOA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX**

Depois de um período conturbado, marcado por uma corte ausente, pelas invasões francesas e pela afirmação das ideias liberais – Revolução de 1820 e oposições contrarrevolucionárias<sup>10</sup> –, Portugal assiste, a partir de 1851, a alguma estabilidade. Com a deposição do governo de Costa Cabral, é constituído na capital o novo governo constitucional regenerador, cuja imagem dominante era a ideia de melhoramentos materiais e um conjunto de reformas económicas, administrativas e sociais que viabilizassem um país moderno. A «Regeneração», empenhada no programa de fomento nacional – cuja ação dinamizadora coube a António Maria Fontes Pereira de Melo – difunde um reflexo de acalmia política e de desenvolvimento económico nacionais, não concomitantes com o aumento demográfico, a crise de subsistência e o alastramento da fome que se faziam sentir no país<sup>11</sup>.

Sem considerar a pneumónica, cujos ataques atingiram Portugal no final de 1918 e inícios de 1919, Rui Casção afirma que o século XIX assistiu às últimas grandes vagas epidémicas. Só na capital, a cólera provocou, entre abril e outubro de 1833, mais de 13.000 vítimas; e em 1857, cerca de 16.000 a 17.000 pessoas – correspondentes a

---

<sup>10</sup>A Revolução de 1820, de cunho liberal, pôs fim ao absolutismo em Portugal com a implementação da primeira Constituição portuguesa (1822). A contra-revolução ao movimento político português de 1820 cresce no decorrer do processo revolucionário, tendo o seu momento vitorioso no golpe da vilafrancada liderado pelo Infante D. Miguel que, em 27 de maio de 1823, deu vivas à monarquia absoluta. O “Absolutista” viria a ser exilado em 1834 após a derrota militar na guerra civil que, entre 1828-1834, o opôs ao seu irmão, D. Pedro.

<sup>11</sup> Esse desajustamento levaria a um acentuado fluxo migratório durante a segunda metade de Oitocentos, especialmente para o Brasil (RIBEIRO, 1993, p. 121-129).

cerca de 10% da população – ficaram infetadas com febre-amarela, das quais perto de 5.000 vieram a morrer (CASCÃO, 1993, p. 431-435).

Apesar dos casos de tuberculose, febres tifoides, tifo e sífilis – o mal venéreo da época, quase sempre associado à prostituição –, no século XIX, com uma “taxa de natalidade relativamente elevada” e “níveis de mortalidade razoavelmente baixos”, a população portuguesa aumentou (CASCÃO, 1993, p.426). De acordo com os dados estatísticos, o potencial humano residente da cidade de Lisboa era de 199.412 habitantes em 1864, 242.297 em 1878 e 301.206 em 1890. Em 1900 já havia atingido os 357.000 (VEIGA, 2004, p. 51)<sup>12</sup>. E na análise da estrutura social não pode deixar de considerar-se o peso das migrações para a capital, justificadas pela atração exercida por Lisboa na busca de trabalho e de melhores de condições de vida<sup>13</sup>.

A esse tempo desenvolviam-se, sem cessar, a industrialização e os serviços; e a própria superfície da cidade passou de 947 hectares (inícios do século XIX) para 1.208 (1852), atingindo 8.244 (1895/1903). Impunha-se o conceito de uma «Grande Lisboa», e o crescimento da cidade acompanha os limites do rio. Urbanizam-se áreas tipicamente rurais como Belém, Carnide, Benfica, Campo Grande, entre outras; e com uma preocupação de natureza urbanística – veja-se, a exemplo, o Plano Geral de Melhoramentos da Capital, de Frederico Ressano Garcia – abrem-se grandes avenidas (e.g. da Liberdade, Fontes Pereira de Melo, Ressano Garcia, atual da República) e cuida-se da arquitetura do casario, sendo bom modelo os bairros da Lapa e o conjunto de Campo de Ourique (OLIVEIRA MARQUES, s/d)<sup>14</sup>. Constroem-se passeios, jardins e novos edifícios públicos.

---

<sup>12</sup> De acordo com Teresa Veiga, as freguesias mais populosas eram as de formação mais recente, como Santos-o-Velho, Alcântara e Santa Isabel, que atingiam no final do século mais de 30 mil habitantes.

<sup>13</sup> As migrações conduziram a um aumento relativo da população em idade ativa (VEIGA, 2004, p. 81-84).

<sup>14</sup> Sobre o urbanismo e a modernização da cidade de Lisboa entre 1858 e 1891 poderá consultar-se, sem prejuízo de outros: (SILVA; MATOS, 2000) e, também (ACCIAIUOLI, 2015).



---

“fadistagem” era comum, e até aceitável, e.g., na “tasca da putaria” e nas esperas de touros, mostrando que “às desigualdades sociais e culturais não correspondiam desiguais distribuições no espaço boémio” (PAIS, 1983, p. 942):

Aqui, um fadista de calça à boca de sino, cinta, jaqueta e chapéu desabado, tocando [...] fados ou *corridinho*; ali, um filho pródigo que andava dissipando a herança paterna; acolá, um fidalgo pândego, amador da *paródia das esperas*, trajando igual ao fadista, com esporas nos sapatos de prateleira (PAIS, 1983, p. 944).

A prostituição era uma realidade comum, e as prostitutas encontravam-se divididas em diferentes ordens mediante o seu vestuário e complementos, sua habitação e preços praticados: desde uma prostituição de luxo, com zonas de giro próprias – passeios e teatros –, procurada por classes abastadas da sociedade, a uma prostituição miserável, clandestina, praticada nas “lojas das mais nojentas casas” – muitas das vezes sem ar nem luz, sitas nas partes da cidade mais “retiradas, e immundas”, no Bairro Alto, Mouraria e Esperança –, e procurada por classes mais pobres, operários, soldados, marinheiros (CRUZ, 1841, p. 47-50). Sobre a prostituição clandestina, Santos Cruz menciona:

as astucias, de que usão estas mulheres para encobrir a prostituição clandestina (...) ellas (...) se intitulão parteiras, e trazem consigo raparigas, a que chamão suas ajudantes (...) põem á porta letreiros, e se dizem inculcadeiras de creadas (...) intitula-se engomadeiras, lavadeiras, costureiras, (...) hūas se annuncião como modistas, e tem lojas de modas, outras se disfarçãõ como vendedoras de objectos de toucador (CRUZ, 1841, p. 64-65).

Na segunda metade de Oitocentos, a exploração de prostitutas era já evidente, assumindo uma relação de confiança e informalidade. Grande número de prostitutas estava sujeito a uma “regente” ou “dona de casa”, a quem chamavam “tias” (CRUZ, 1841, p. 318); e que se serviam de muitos meios para recrutar prostitutas. Ainda assim, muitas das prostitutas eram angariadas por “inculcadeiras de creadas (...) que se disfarçãõ com este nome, e seduzem as differentes raparigas, que convencem com promessas, e com vantagens futuras, e as entregãõ á devassidão”. Segundo Santos Cruz havia grande número dessas mulheres na cidade, e que as mesmas faziam uso de “pomposas inscripções em suas portas – de inculcadeiras de creadas”. Não raras vezes, o recrutamento era feito pela própria dona de casa, junto de mulheres de menor condição social, sem antecedentes na profissão – criadas de servir, vendedeiras,

reconhecidas pelo seu vestuário simples –, ou por inculcadeiras/engatadeiras pagas para tal fim (CRUZ, 1841, p. 328-330). As amostragens de Armando Gião, em 1891, mostram que das prostitutas em Lisboa 30% haviam sido criadas de servir e 7% costureiras. 85% eram analfabetas (GIÃO, 1891, p. 20-27).

Com o virar do século, a vida boémia conhece alterações, assim como se transformam os padrões de comportamento das suas figuras principais. Os primeiros andares com tabuinhas nas janelas dão lugar aos bares, as leis do mercado conduzem a uma inevitável concorrência e o proxenetismo torna-se mais óbvio, mostrando que o desenvolvimento do capitalismo nos alvares do século XX assumiu relevância no sociocultural.

### **A CIDADE NA TRANSIÇÃO PARA O SÉCULO XX**

Na alvorada de Novecentos, Lisboa caminha lentamente para a modernidade. A cidade vive à moda de Paris, e a “aldeia grande” dá lugar a um progresso conjetural<sup>15</sup>. A melhoria dos transportes e das comunicações abre os mercados à urbe, promovendo uma maior aproximação entre o campo e a cidade, onde se encontravam representados os setores primário (pouco significativo), secundário e terciário. O fenómeno urbano observado em metade de Oitocentos prolonga-se às primeiras décadas de Novecentos e, não obstante a crise económico-financeira, a capital continua a ser um polo de atração crescente. Às questões de povoamento encontram-se ligados a tipologia e formas de habitação, que se assemelham cada vez mais.

Lisboa apresentava, todavia, traços rurais. Relembrem-se algumas das cenas de rua fotografadas entre 1900-1920, como os vendedores de perus ou legumes, os padeiros ao domicílio e os vendedores de água, contrastantes com a Lisboa burguesa do Chiado dos teatros, dos clubes e dos grémios<sup>16</sup>. As classes populares urbanas continuam a dar preferência à taberna, às feiras e aos bailaricos. E em lugares onde havia ajuntamentos, circulavam prostitutas. Numa sociedade onde a família era considerada a “unidade primária da vida social e afectiva” (VAQUINHAS, 2011a, p. 9) –, a prostituição era um flagelo social contra o “templo sagrado que encarnava as virtudes

---

<sup>15</sup> “Portugal cresceu, empobrecendo” (MARTINS, 1997, p. 484-485).

<sup>16</sup> Sobre esta imagética podem ver-se as fotografias de Joshua Benoliel, fotógrafo e jornalista da primeira metade do século XX.

---

morais e religiosas: o casamento, a sexualidade legítima”, condenando-se o amor venal (VAQUINHAS, 2011b, p. 322) que, não obstante, era um mal necessário, garantindo a virgindade das futuras esposas e a tranquilidade no lar.

A uniformização dos gostos estandardizou aparências, e face a essa potencial causa de embaraços era necessário salvaguardar o pudor feminino da mulher conveniente. Assim, por motivos morais – e da própria saúde pública –, a visibilidade social da mulher pública é limitada aos bordéis e casas de tolerância, aos becos e vielas periféricos; e à medida que a mulher burguesa vai ocupando lugares públicos, a prostituição é afastada dos lugares de maior concorrência, *e.g.*, dos teatros.

Muitos homens tinham aventuras com bailarinas ou coristas dos inúmeros casinos e casas de espetáculos que abundavam pelo país. Aliás, no início do século XX tornam-se comuns as relações extraconjugais assentes em modelos estáveis do casal legítimo, de marido e mulher – “amante com casa posta” (VAQUINHAS, 2011b, p.332).

Os bordéis complementavam-se com outros locais de diversão noturna e sociabilidade masculina. Cafés-concerto, cabarés, *brasseries* e gabinetes reservados de hospedarias constituam espaços de evasão onde os encontros sexuais rompiam a monotonia do dia-a-dia (VAQUINHAS, 2011b, p. 333).

Os registos oficiais feitos no âmbito do sistema de tolerância da atividade prostitucional feminina parecem apontar para um aumento do fenómeno até cerca de 1920, com particular incidência na transição do século XIX para o XX.

O retrato da prostituição por mulheres em situação difícil ou jovens abandonadas à sua sorte, amiúde nessa vida por engodo de alcoviteiras através de esquemas ardilosos, é-nos dado por Armando Gião:

A prostituição exercida por menores quasi sempre e a sedução de maiores muitas vezes, é patrocinada pela *alcoviteira* que entre outros meios, se serve para os seus intentos dos annuncios dos jornaes, offerecendo quarto para senhora só, disfarces variados, mulher a dias, mendiga que esmola pelas portas, viuva com filhos menores, vendedeira ambulante de flôres, rendas, roupas, etc; outras vezes a alcoviteira prostitue as menores no proprio domicilio ou numa casa de passe dividindo os lucros com a dona da casa, ou manda as menores para as ruas mais frequentadas, especialmente á noite, onde sob o pretexto de vender phosporos, flôres, cautelas, vão realmente prostituir-se em qualquer rua escusa ou no vão d’uma escada. (GIÃO, 1891, p. 37)

Segundo Tovar de Lemos, 49% das prostitutas em Lisboa haviam sido criadas, 19% domésticas, 12% operárias e 11 % costureiras. 81% eram analfabetas (LEMOS, 1908).

O processo de modernização e o crescimento económico do país conduzem a uma certa liberalização dos costumes. Nesse quadro, a estratificação social das prostitutas tende a expandir-se. “Criam-se hiatos, os estratos classificam-se, os contactos entre prostitutas de diferentes categorias tornam-se improváveis” (PAIS, 1983, p. 955). Segundo Fernando Schwalbach, havia “obra para todo o preço”, e algumas casas chiques reservavam-se o direito de admissão (SCHWALBACH, 1912, p. 37, 51-52), mostrando que a própria clientela é indicadora de classificação. Contudo, a área habitacional é uma das variáveis que melhor diferencia as categorias, ou ordens, de mulheres públicas.

As hospedarias – com lanternas penduradas às janelas, indicando ser ali lugar de «amor» – eram mais desconfortáveis que as casas de passe; de piores condições eram os bordéis, geralmente frequentados por raparigas vindas da província. Mas tenha-se presente que a maioria das mulheres trocava favores sexuais por dinheiro de forma precária, não raras vezes nas ruas, em zonas mais ou menos discretas, junto dos cais e das zonas portuárias.

Alguns autores apresentam a meretriz como personagem de traços distintos da restante população feminina quando, na verdade, as suas rotinas se cruzam com elementos comuns ao quotidiano de tantas outras mulheres:

É vel-as, ahi pelo romper das 8 da manhã, atravessarem o Rocio, desembocando de todas aquellas ruas e travessas, cabaz no braço, saia arregaçada, a caminho da praça rindo a uma ou outra graça pezada que lhes é dirigida pelos apreciadores do género [...] É vel-as, depois de feitas as compras metterem por qualquer travessa proxima, afoqueadas, os nabos e as couves muito verdes e viçosas, a espreitarem por sob a aza do cabaz, seguidas por qualquer D. Juan de ocasião, enfiarem pela escada de certo predio, onde n’uma janela de qualquer andar chama a atenção a tradicional lanterna (SCHWALBACH, 1912, p. 13)

Com o virar do século, os circuitos de divulgação do produto tornam-se mais sofisticados, assim como os chulos que, de companheiros, passam a exploradores, passando a viver às custas destas mulheres. Vejamos, pois, o que permanece constante e o que se altera na propaganda dos «bons serviços».

---

## CIRCUITOS DE DIVULGAÇÃO: A PROPAGANDA DOS “BONS SERVIÇOS”

Vimos anteriormente que às donas de casa inculcadeiras/engatadeiras de meados do século XIX se vão juntar, no virar do século, as engatadeiras a tempo inteiro<sup>17</sup>, mulheres que vão passar a atuar como verdadeiros agentes de tráfico, conhecendo os mais ardilosos segredos do mercado. José Machado Pais refere, e.g., a sua presença, nas chegadas dos comboios à capital, trajando de “irmãs da caridade ou com uniformes de enfermeira”(PAIS, 1983, p. 947), recrutando potenciais mulheres para «a vida».

Nos inícios da centúria de XX, numa sociedade em transição para o modelo capitalista, a prostituição conhece, face às regras do mercado e à conseqüente concorrência, circuitos de divulgação mais complexos, com recurso a técnicas de marketing como forma de incremento do serviço prestado. Nas ruas da Baixa enviam-se “bilhetes de convite” (PAIS, 1983, p. 947), e na imprensa surgem alguns anúncios que, de forma subtil, parecem estar relacionados com a prostituição.

Lado a lado de anúncios de procura de “Senhora ou menina bem educada [...] para ajudar a dona de casa a coser e ao governo da casa”, de costureiras, criadas e mulheres a dias – alguns pedindo “boas abonações” – há oferta de serviços, e.g., “Criada para todo o serviço oferece-se, na Rua da Condeça, 38, loja” (*Diário de Notícias*, 16/11/1899). Outros anúncios oferecem “18 criadas ha R. da Condeça, 38, 1º” (*Diário de Notícias*, 23/11/1899), “18 criadas ha cozinheiras de todo o serviço e raparigas. Rua da Condeça, 36, 1º” (*Diário de Notícias*, 07/12/1899), “Rapariga oferece-se todo serviço. R. da Condeça, 36, 1º” (*Diário de Notícias*, 08/12/1899).

Não obstante a singularidade da aposição de um excessivo número de criadas disponíveis – nos anúncios de 23/11/1899 e 07/12/1899 publicitam-se dezoito criadas –, estes anúncios apresentam aposta uma mesma morada, a Rua da Condeça. E à eventualidade de se poderem tratar de agências profissionalizadas para o efeito – que desconhecemos –, a possibilidade de se tratar de anúncios de prostituição capeados adensa-se, crendo-se como a mais plausível, tanto mais que tal localização sita a cerca de 200 metros do Bairro Alto, um dos bairros de prostituição lisboeta. Mas poderemos

---

<sup>17</sup> “ellas se ajustão com algũas inculcadeiras (que mais se dedicação a esse fim [à prostituição], do que ao arranjo de creadas)” (CRUZ, 1841, p. 329).

---

dizer que todos os anúncios de oferta ou procura de serviços, sejam eles de criadas, engomadeiras, cozinheiras, servem este fim? A resposta é perentoriamente não. Já no século XIX os anúncios solicitando criadas e cozinheiras eram comuns (BRAGA, 2008, p. 119).

Um outro anúncio, discreto e sem imagem associada – característica partilhada por todos estes anúncios publicitários – apela de forma acirrada “criadas criadas criadas de prompto a satisfazer todos os pedidos. Ag. Commercial, R. Poyaes de S. Bento, 65, 1<sup>o</sup>” (*Diário de Notícias*, 23/11/1899). Perante tamanho apelo, podemos questionar-nos se estamos perante uma agência comercial de criadas ou inculcadeiras de criadas que, de forma sub-reptícia e dissimulada, se dedicavam ao aliciamento de raparigas para as submeter à «devassidão». Atendendo ao testemunho de Santos Cruz, cremos tratar-se de uma continuidade nessa tipologia de engajamento que, ao invés das “pomposas inscrições em suas portas” (CRUZ, 1841, p. 329), faz recurso a um meio de divulgação mais rápido. Acresce ainda o valor pecuniário dos anúncios – 20 réis a linha –, que pensamos ser demasiado elevado para ser custeado por uma prostituta isolada.

Não percamos de vista que nas décadas finisseculares de Oitocentos, a par das modificações registadas nas práticas de leitura, o hábito de ler jornais dinamiza a imprensa jornalística, alargando-se o público leitor. Curiosamente, coube ao *Diário de Notícias*, fundado em 1865, a “democratização do jornal, ao colocá-lo ao alcance do maior número de bolsas, mediante uma política de baixo preço, venda na rua e recurso a um estilo chão e acessível” (VAQUINHAS, 2011a, p. 15)<sup>18</sup>.

Na centúria de novecentos, a publicidade em periódicos é, também, aproveitada por estabelecimentos que serviam duplos fins. É o caso do Restaurant Paris, onde pretensamente se podia tomar uma refeição e manter encontros sexuais, considerando a disposição de “gabinetes no primeiro andar, completamente independentes, com entrada pelo n.º. 67”, de forma a não comprometer o anonimato do cliente, cujo prazer proibido carece manter arrepiado da esfera pública.

---

<sup>18</sup> O IV Recenseamento Geral da População de Portugal, em 1900, contabiliza 62,6% de analfabetos no distrito de Lisboa. Apenas 37,4% sabia ler (dos 50,8% homens, apenas 20,2% sabiam ler; e dos 49,3% mulheres, somente 17,3% sabia ler. INSTITUTO Nacional de Estatística. [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos\\_historia\\_pt\\_1900](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1900). (Consultado em: 19/12/2016)

Esta «polivalência» nos estabelecimentos já se encontra testemunhada por Santos Cruz, quando refere a existência de “gabinetes negros” nas tabernas, nos cafés, nas hospedarias. A existência desse “Quarto occulto, hum – *cabinet noir* –, proprio ao exercicio da libertinagem, e do deboche” (CRUZ, 1841, p. 311) mostra uma continuidade nos hábitos, nas leis da oferta e da procura, que a tiragem de um jornal permite que seja conhecida pelo maior número de leitores atendendo a que, regra geral, cada jornal é lido por mais de uma pessoa, sendo usual a sua partilha em locais públicos.



Fig. 2 – In *A Vanguarda*, 23/10/1908.

A lei da oferta e da procura é, ainda, utilizada pelo amor cortês. Anúncios de senhoras novas, livres e com sua casa, que desejam encontrar senhor de respeitabilidade para a «auxiliar» também fazem uso do mais poderoso meio de comunicação<sup>19</sup>.

## CONCLUSÃO

Através da análise dos dados apresentados neste trabalho poderemos concluir que a atividade prostitucional feminina passou, a partir de meados do século XIX, de um exercício proibido a regulamentado, especialmente norteado por princípios moralistas e de saúde pública. Em meados da centúria as barreiras nos convívios e

<sup>19</sup> “Atenção senhora nova e livre e que tem a sua casa, deseja encontrar pessoa de toda a respeitabilidade que a possa auxiliar. Resposta a este jornal ao nº 12” (*Diário de Notícias*, 30/03/1904).

fraternização boémios não eram estanques. Era notória a convivência de círculos aristocráticos com distintas classes de prostitutas, e diferentes castas de boémios. A integração nos locais de «fadistagem» era quase perfeita, permitindo uma socialização intercultural.

No submundo da prostituição, a prática clandestina era a mais abundante na cidade de Lisboa, e acreditamos que seria absolutamente degradante. Com uma ausência de obrigação no que respeita ao controle médico-sanitário, um largo grupo de mulheres, heterogéneo, vendia o seu corpo por razões variadas. Por vontade própria, falta de meios, problemas familiares, sedução por inculcadoras ou alcoviteiras, pela mão de proxenetas, essas mulheres viam-se a braços com a insegurança própria da sua profissão, nomeadamente o risco de contágio de doenças venéreas e a sua própria integridade física.

Muitas dessas mulheres eram naturais de outras regiões. Aportavam à cidade atraídas pela imagem de reunião de melhores condições de vida, fugindo à fome e à falta de trabalho. Para além do número de mulheres vindas de Norte a Sul de Portugal continental, grande número de toleradas em exercício no país entre 1897 e 1901 eram oriundas de Espanha (FONSECA, 1902, p. 190-199). E numa sociedade em modernização, e em transição para o modelo capitalista, a concorrência certamente levaria a uma quebra nos lucros, exigindo comportamentos que favorecessem o incremento da atividade. É assim que de forma isolada ou em colégio, as protagonistas passam a fazer uso do meio de comunicação mais eficaz para a propaganda dos seus serviços: a palavra escrita. Admitimos que seria destinada aos estamentos letrados, classes médias e pequena burguesia, dado que na prostituição clandestina, de rua, não funcionaria a regra. Nessa oferta, tal como hoje, bastaria circular nas vizinhanças das ruas «afamadas». A preços mais baixos, a sua procura era feita por classes mais pobres, na sua maioria iletradas.

Creemos poder afirmar que, regra geral, a prostituição não parece ter modificado a sua fisionomia, e não conheceu grande alteração nos seus circuitos até à atualidade. Esses, vão acompanhando as formas de comunicação mais rápida e eficiente. Quem pratica prostituição de luxo não pratica prostituição de rua. Os ganhos, clientela e

origem da prostituta são distintos; assim como distintos são também os objetivos; e tal como definiu Paulo Guinote,

Indicadores mostram a prática desse “exército de alguns milhares de mulheres [...] multiforme e heterogêneo, com as suas hierarquias específicas, os seus espaços de acção diferenciados e as suas estratégias de acção diversificadas, de acordo com o meio social em que circulavam e recrutavam a sua clientela preferencial. (GUINOTE, 1997, p. 174)

## REFERÊNCIAS

### BIBLIOGRAFIA

ACCIAIUOLI, Margarida. *Casas com Escritos: Uma História da Habitação em Lisboa*. Lisboa: Bizâncio, 2015.

BRAGA, Isabel Drumond Braga. Culinária no Feminino: os primeiros livros de receitas escritos por portuguesas. *Caderno Espaço Feminino*. Uberlândia-MG, Vol. 19, n. 01, p. 117-141, 2008.

CASCÃO, Rui. Demografia e sociedade. *História de Portugal*. Vol. 5. In: MATTOSO, José (dir.). Lisboa: Círculo de Leitores, 1993, p. 425-439.

GUINOTE, Paulo. A Prostituição. *Lagos da República*. Plataforma de Comunicação da Câmara Municipal de Lagos. Portugal. Arquivo Municipal e Serviço de Património Histórico e Arquitectónico, 17 de mar. De 2010 [s/p]. Disponível em <http://lagosdarepublica.wikidot.com/aprostituicao> (consultado em 14/10/2016).

GUINOTE, Paulo. *Quotidianos Femininos (1900-1933)*. Lisboa: O.N.G. do Conselho Consultivo da C.I.D.M., 1997.

GUINOTE, Paulo, LOPES, António. O espaço da Transgressão: Uma Geografia do Crime em Lisboa na Viragem para Oitocentos. *Quotidiano e Urbanismo no Século XVIII*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII, 1991, S/N.

GUINOTE, Paulo, OLIVEIRA, Rosa. Prostituição, Boémia e Galantaria no Quotidiano da Cidade. *Portugal Contemporâneo*. Vol. 2. Lisboa: Publicações Alfa, 1990, p. 339-382.

MARQUES, António Henrique de Oliveira. *Enquadramento Histórico*. Tarragona (Espanha): Universitat Rovira i Virgili, Departament de Geografia, s/d. Disponível em [http://www.urv.cat/dgeo/media/upload/arxiu/Lisboa/02\\_encuadre\\_historico.pdf](http://www.urv.cat/dgeo/media/upload/arxiu/Lisboa/02_encuadre_historico.pdf) (consultado em 10/11/2016).

MARTINS, Conceição Andrade. Trabalho e condições de vida em Portugal (1850-1913). *Análise Social*. Lisboa, vol. XXXII (142), p. 483-535, 1997.

---

PAIS, José Machado. A prostituição na Lisboa boémia dos inícios do século XX. *Análise Social*. Lisboa, Vol. XIX (77-78-79), p. 939-960, 1983.

PAIS, José Machado. *A Prostituição e a Lisboa Boémia do Século XIX aos inícios do Século XX*. Lisboa: Querco, 1985.

PIMENTEL, Irene Flunser, MELO, Helena Pereira de. *Mulheres Portuguesas*. Lisboa: Clube do Autor, 2015.

PITA, André Samora. *As representações da prostituição na literatura portuguesa da viragem do século XIX para o XX: Fatalismo ou realismo?* [s/l, s/d], 23 f. Disponível em [https://www.academia.edu/22931269/As\\_representações\\_da\\_prostituição\\_na\\_literatura\\_portuguesa\\_do\\_final\\_do\\_século\\_XIX\\_Fatalismo\\_ou\\_realismo](https://www.academia.edu/22931269/As_representações_da_prostituição_na_literatura_portuguesa_do_final_do_século_XIX_Fatalismo_ou_realismo) (Consultado em 16/10/2016).

RESENDE, Fabiana Moutinho. *De Severa à Amália: O Estereótipo Feminino no Fado – Mudanças e Permanências*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Cultura) - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real, 2014.

RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. A Regeneração e o seu significado. In: MATTOSO, José (dir.). *História de Portugal*. Vol. 5. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993, p. 121-129.

SANTOS, Carlos Oliveira. “A Prostituição em Portugal nos Séculos XIX e XX”. *História*. Lisboa, Projornal, nº 41, p. 2-21, 1982.

SILVA, Álvaro Ferreira da, MATOS, Ana Cardoso de. Urbanismo e Modernização das Cidades: O “embelezamento” como ideal, Lisboa, 1858-1891. *Scripta Nova*. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona, nº. 69 (30), [s/p], 2000 Disponível em <http://www.ub.edu/geocrit/sn-69-30.htm> (consultado em 17/12/2016).

TAVARES, Manuela. *Prostituição*. Diferentes posicionamentos no movimento feminista. [s/l]. União de Mulheres Alternativa e Resposta-UMAR, [s/d], 8 f. Disponível em <http://www.umarfeminismos.org/images/stories/pdf/prostituicaomantavares.pdf> (Consultado em 04/11/2016).

VAQUINHAS, Irene, CASCÃO, Rui. Evolução da sociedade em Portugal: a lenta e complexa afirmação de uma civilização burguesa. In: MATTOSO, José (dir.) *História de Portugal*. Vol. 5. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993, p. 441-457.

VAQUINHAS, Irene. A Época contemporânea – Introdução. A redefinição do público e do privado (1820-1950). In: MATTOSO, José (dir.). *História da Vida Privada em Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores/Temas e Debates, 2011a, p. 6-20.

\_\_\_\_\_. Paixões funestas e prazeres proibidos. In: MATTOSO, José (dir.). *História da Vida Privada em Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores/Temas e Debates, 2011b, p. 322-350.

---

VEIGA, Teresa. Os quotidianos da vida na Lisboa dos séculos da modernidade. *Camões*. Lisboa, Instituto da Cooperação e da Língua, nº. 15/16, p.166-178, 2003. Disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/revistas-e-periodicos/revista-camoes/revista-no15-16-marques-de-pombal.html> (consultado em 22/10/2016).

## FONTES

### FONTES IMPRESSAS

*A Vanguarda*. Lisboa (1891-1910). (Biblioteca Nacional de Portugal)

ALMEIDA, Mário de. *Lisboa do Romantismo (Lisboa antes da Regeneração)*. Lisboa: Rodrigues & C<sup>a</sup>. – Livreiros Editores, 1917, p. 225-227. (Biblioteca Nacional de Portugal)

AZEVEDO, Francisco Pereira. *Historia da Prostituição e Policia Sanitaria no Porto*. Porto: F. Gomes da Fonseca Editor, 1864. (Biblioteca Nacional de Portugal)

BRAGANÇA, João Fernandes. *Breves Considerações sobre a Prostituição*. Lisboa: Typographia Universal, 1875. (Biblioteca Nacional de Portugal)

CRUZ, Franciscolnacio dos Santos. *Da Prostituição na Cidade de Lisboa (1841)*. Lisboa: Dom Quixote, 1984.

*Diário de Notícias*. Lisboa (1899-1920) - (Biblioteca Nacional de Portugal)

FONSECA, Ângelo da. *Da Prostituição em Portugal*. Porto: Typographia Occidental, 1902. (Biblioteca Nacional de Portugal)

GANTE, Emilio. *História Popular da Prostituição*. Lisboa: Empreza Lusitana Editora, 1910. (Biblioteca Nacional de Portugal)

GIÃO, Armando. *Contribuição para o Estudo da Prostituição em Lisboa*. Lisboa: Typographia de Christovão Augusto Rodrigues, 1891. (Biblioteca Nacional de Portugal)

GOMES, Augusto Bugalho. *História Completa da Prostituição*. Lisboa: s.ed., 1913. (Biblioteca Nacional de Portugal)

INSTITUTO Nacional de Estatísticas. IV Recenseamento Geral da População de Portugal (1900). Disponível em [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos\\_historia\\_pt\\_1900](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1900) (consultado em 19/12/2016).

LEMOS, Alfredo Tovar de. *Prostituição*. Estudo Anthropologico da Prostituta Portugueza. Lisboa: Centro Typographico Colonial, 1908. (Biblioteca Nacional de Portugal)

PESSOA, Alfredo de Amorim. *História da Prostituição em Portugal desde os Tempos mais remotos da Lusitânia até aos Nossos Dias*. Lisboa: Empreza Editora de F. Pastor, 1887. (Biblioteca Nacional de Portugal)

SCHWALBACH, Fernando. *O Vício em Lisboa*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1912. (Biblioteca Nacional de Portugal)

SALDANHA E SOUSA, José de Oliveira. *Escravatura Branca*. Typographia Mattos Moreira e Pinheiro, 1896. (Biblioteca Nacional de Portugal)

GOVERNO Civil de Lisboa. *Regulamento Policial das Meretrizes e Casas Toleradas da Cidade de Lisboa em 30 de Julho de 1858*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858. (Biblioteca Nacional de Portugal)

GOVERNO Civil de Lisboa. *Regulamento Policial das Meretrizes e Casas Toleradas da Cidade de Lisboa em 1 de Dezembro de 1865*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1865. (Biblioteca Nacional de Portugal)

GOVERNO Civil de Lisboa. *Regulamento Policial das Meretrizes na Cidade de Lisboa de 28 d'Agosto de 1900*. Lisboa: Typographia Palhares, 1900. (Biblioteca Nacional de Portugal)

Recebido em: 18/02/2018  
Aprovado em: 22/04/2018